

Sertão dos Xavantes... Sertão de Amaro Leite... Sertão Goiano: uma cidade-beira setecentista

DOI: 10.20396/labore.v16i00.8667613

Gercinair Silvério Gandara

<https://orcid.org/0000-0001-7846-9042>

Universidade Estadual de Goiás / Pires do Rio [GO] Brasil

RESUMO

Minhas pesquisas sobre cidades e rios no Brasil, mais especificamente as do norte goiano, recaiu sobre o território onde se edificou a cidade de Amaro Leite. Foi aí no, então, denominado “Sertão dos Xavantes”, posteriormente, “Sertão de Amaro Leite” que se formou o primeiro eixo de povoamento e comunicação da região, a cidade aurífera Amaro Leite. Há um elo importante do rio do Ouro na configuração histórico-geográfica do seu surgimento e do seu respectivo espaço citadino. Este artigo trata desta questão.

PALAVRAS-CHAVE

Goiás. Cidade-beira. Século 18.

“Sertão dos Xavantes... Sertão de Amaro Leite... Sertão Goiano”: an 18th century border town

ABSTRACT

My research on cities and rivers in Brazil, more specifically those in northern “Goiás” [state of Goiás], focused on the territory where the city of Amaro Leite was built. It was there called “Sertão dos Xavantes”, and later, “Sertão de Amaro Leite”, where was formed the first axis of settlement and communication in the region, the gold-bearing city of “Amaro Leite”. There is an important link of the “Rio do Ouro” [Gold River] in the historical-geographical configuration of its emergence and its respective city space. This article addresses this issue.

KEYWORDS

State of Goiás [Brazil]. Border town. 18th century.

1. Introdução

No Brasil alguns núcleos urbanos se originaram com a atividade de mineração nas terras desertas do norte do centro-oeste. Aquelas terras palmilhadas por Amaro Leite Moreira ficaram denominada como sertão de Amaro Leite. O que aqui se trata por “Sertão Amaro Leite” no século XIX, corresponde a uma grande área da Capitania de Goiás, mais precisamente no chamado “Sertão Goiano” que compreendia as áreas do norte da província, situadas próximas aos rios Maranhão e Araguaia. De solos férteis, habitadas por índios, razão pela qual era conhecido como “Sertão dos Xavantes” eram, também, propensas à prática das atividades agropecuárias. O território da localidade de Amaro Leite era conhecido como Sertão dos Xavantes, por suas divisas coincidirem com o território de temidos povos indígenas, Avá-Canoeiros habitantes daquelas terras. Desde o século XVIII que a vocação natural dessa região era a criação de gado. As autoridades coloniais e provinciais a chamaram de “Sertão do Amaro Leite” devido à presença do arraial colonial Amaro Leite que aí se levantou, em torno do qual vicejavam as imensas pastagens naturais. Vale lembrar que o território em que assentou o núcleo citadino Amaro Leite nada era que uma vastidão de cerrado, um “sertão intransponível”.

Sertão e paisagem são, ambas o resultado de imagens espaciais, não apresentando, porém, identidade instantânea. O “sertão” distante e isolado; foi o local onde nasceu uma grande parte da cultura brasileira, em suas diferentes expressões regionais e locais. É recorrente no conjunto de nossa historiografia, literatura, arte, etc. Para Gilmar Arruda (2000: p.165), “[...] sertão é uma descrição da natureza, uma paisagem, ou muitas paisagens com o mesmo nome”. Talvez nenhuma outra categoria esteja tão entranhada na história brasileira, tenha significados tão variados e se identifique tanto com a cultura brasileira. O sertão tem sido uma categoria importante para designar uma ou mais regiões no conjunto da história do Brasil além de ser recorrente no pensamento social brasileiro. O conceito de sertão está presente na nossa historiografia desde os historiadores reunidos em torno do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. A partir dos anos 50 o tema permaneceu importante na análise dos sociólogos. Ocupou lugar extremamente importante na literatura brasileira representando tema central na literatura popular. Como apontou Antônio Cândido, (1964), “‘sertão’ frequente com assiduidade a literatura brasileira desde a poesia romântica do século XIX. É também uma referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil”.

De forma simplificada, pode-se afirmar que, no Brasil, a palavra “sertão” constituiu noção difundida, carregada de significados. Designou espaços amplos, longínquos, desconhecidos, isolados, desabitados, etc. Foi também empregado para nomear áreas distantes, além dos limites das cidades, interiores com paisagens perigosas, fontes de mortandade, *locus* de desejo. Nesse sentido, variando segundo a posição espacial e paisagística, conclui-se que “sertão” foi uma categoria construída a partir da paisagem. Entendo a paisagem como uma representação e o que a representa é decorrência da interação entre a natureza e a sociedade e da interpretação, individual ou coletiva, dos processos de estruturação do território. O conceito de paisagem se difundiu alimentado pelo espírito romântico ligado ao “mundo natural”, porém, sua percepção sempre teve lugar importante na estruturação do cotidiano das sociedades humanas que constroem, ao longo do tempo, um tipo de relação peculiar e específica que altera ou influencia as condições de vida humana. Conforme Silva, (1997, p.205) “trata-se de uma visão de conjunto, do enlace de múltiplas variáveis, em uma duração sempre longa. Impõe-se para tal uma abordagem holística, de conjunto, uma síntese para além das histórias particulares”. Paisagem e “sertão” sempre teve lugar importante na estruturação do cotidiano das sociedades e no seu desenvolvimento cultural. São ambas o resultado de imagens espaciais não apresentando, porém, identidade instantânea.

Por outro lado, sabe-se que o espaço geográfico se exprime em relações entre grupos sociais pelos quais se define uma sociedade, sendo, portanto, um produto social. O conceito de espaço enquanto transformado ou em transformação pela ação dos grupos humanos se impõe como objeto de estudo para que num esforço interdisciplinar se produza não uma explicação, mas uma interpretação. Sua delimitação está ligada à noção de diferenciação de áreas e ao reconhecimento de que é constituída por lugares com uma ampla diversidade de relações econômicas, sociais, naturais e políticas. Sua distinção decorre de sua especialização funcional e da densidade das realidades que a caracterizam na história, as quais devem ceder espaço para uma nova visão, cuja ênfase recaia nos resultados sobre o ambiente como produto de uma prolongada atividade humana. Afinal as paisagens refletem transformações temporais e conservam testemunhos de tempos e espaços vividos. A paisagem de Amaro Leite é uma representação da realidade vivida e dos elementos que a compõem. É composta de formas visíveis, duráveis, que lhe conferem certa estabilidade temporal. O conjunto dos fatores naturais e construídos que caracteriza sua paisagem se enquadram nos contornos da

sua organização social, do qual a memória registra o processo de identificação dos sujeitos com o espaço e as consequentes relações com o espaço vivido. Particularmente, penso que ter consciência histórica é perceber o universo social em ininterrupto processo de formação e reorganização. Afinal, parafraseando Le Goff, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade. Assim, o espaço geográfico do município de Amaro Leite apresenta a característica de conter em si uma carga de grande significado. Sua região e paisagem são resultado de ações humanas, simultaneamente social e espacial.

A ocupação deste território do “Sertão Goiano” foi motivada pela mineração conforme *Notícia Geral da Capitania de Goiás*, organizada por Paulo Bertran (1996a, p. 53-54). Em 1739, o governador, D. Luís de Mascarenhas promoveu várias expedições com o intuito de descobrir novas minas, entre as quais estava a expedição dos bandeirantes João da Veiga Bueno e Amaro Leite, que seguiram para o sudoeste em busca do Rio Rico. Conforme Alencastre (1978, p. 780), esses comandantes “se desentenderam e João da Veiga Bueno retornou a Vila Boa. Já Amaro Leite e Alarcão continuaram suas buscas pelo interior da Província de Goiás”. Alencastre (1978, p. 69) relata que naquela expedição empreendida por Amaro Leite Moreira, ali “no districto de Amaro Leite foi encontrada uma folheta de ouro de 90 marcos que foi enviada como presente a D. João”. De características próprias, o território palmilhado por Amaro Leite compreendia uma grande extensão de terras férteis, com alta periculosidade dos indígenas e baixa densidade demográfica. O Sertão, como dizia, Cunha Matos tinha todas as qualidades necessárias para se tornar grande produtor de alimentos, solos férteis e águas em abundância, além de possibilitar a integração do comércio na Província, ligando as comarcas do Sul e do Norte pelos rios, que seriam utilizados como rotas de comércio, mediante a execução de algumas obras e da estrada de Pilar a Porto Real¹.

Outros núcleos urbanos se originaram com a atividade de mineração nas terras longínquas e “desertas” do norte goiano. Dentre eles, os núcleos de São José, Cachoeira, Água Quente, Santa Rita, Descoberto da Piedade, Crixás, Pilar, Trayras, São José do Muquém que se distribuíam entre os julgados de Pilar e Traíras, em todo o vale do Araguaia e do Tocantins. Foi em função das atividades aurífera e das comunicações fluviais, no período colonial, mais precisamente no século XVIII que surgiu aí, com toda sua singularidade setecentista, o núcleo citadino Amaro Leite com seu povoamento concentrado às margens do rio do Ouro. Em verdade, a história da formação citadina em Goiás elaborou-se aos trechos dos caminhos que andam, os rios. Palacin (1994) enfatiza que durante o século XVII, as primeiras bandeiras preferiam adentrar o interior de Goiás por caminhos fluviais, seguindo o curso dos rios Paranaíba, Tocantins e Araguaia. Tal escolha se deveu a falta de estradas e de animais que facilitasse o transporte terrestre. Depois de 1630, com a obtenção de animais, as bandeiras optaram pelas viagens por terra percorrendo todo território goiano em busca de ouro e dos gentios. Foi nas duas primeiras décadas da mineração que se fixou e marcou o mapa de povoamento em Goiás por mais de cem anos.

Informações de memorialistas mostraram que, com o tempo, sem exceção, todos os arraiais no sertão goiano diminuíram de população e muitos deles definharam. Alguns destes arraiais nasceram e praticamente morreram no nascedouro. Mas outros, a exemplo de Amaro Leite, Cocal, Água Quente, Santa Rita, Muquém e Forte, no Norte Goiano ainda estão lá vencendo o tempo. Desde o princípio do século XIX procurou o governo povoar as margens do Araguaia. Mas a massa de índios, Xavantes, Xerentes e Carajás-que, rechaçados mais a leste, acumularam-se no vale do Araguaia, dificultando, de certo modo, o povoamento.

Entre os diversos viajantes², cientistas ou naturalistas, que viajaram o Brasil foram os franceses que deixaram escritos sobre a província Goiás. Oscar Leal, D’Allincourt, Cunha Mattos, Leite Morais, Couto de Magalhães foram os que realmente empreenderam viagens específicas a Goiás, ou que foram, em suas passagens deixando seus registros. Seus relatos e experiências formam um rico e singular acervo documental sobre Goiás. Contudo, não observamos menções sobre o núcleo de Amaro Leite em seus escritos, se os há, são breves informações. Notamos que aqueles viajantes, no/do século XIX percorreram os dois extremos da Província de Goiás, mas não adentraram, passando somente pelos contornos e/ou imediações do chamado “Sertão de Amaro Leite”. A esta ausência atribui-se a dificuldade de penetração dada pela sua geografia num terreno de orografia acidentada por serras e rios e sua profundidade quase intransponível devido as ameaças e ataques das comunidades indígenas ali existentes. Por esta razão, o núcleo Amaro Leite ficou, talvez a

¹ Posteriormente Porto Imperial atual Porto Nacional, estado do Tocantins.

² Auguste de Saint-Hilaire, Francis de Laporte Castelnau, os ingleses George Gardner e William John Burchell, o austríaco Johann Emanuel Pohl e os alemães Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich von Martius.

localidade mais “isolada” de Goiás, e assim permaneceria até a segunda metade do século XX. Paulo Bertran nos relatou que [...]

[...] o então denominado sertão de Amaro Leite já era conhecido desde o século XVII, pelos bandeirantes em suas buscas por minérios e índios, mas, apenas no século XVIII que a região passa por um processo mais sistemático de ocupação com os jesuítas do Colégio de Santo Alexandre, de Santa Maria de Belém do Grão Pará. (Bertran:1978, p. 32).

Como se vê os jesuítas mantiveram fazendas missionárias na região fixada nas margens dos rios Santa Teresa, Cana Brava e das Almas. Muitas das fazendas jesuítas foram destruídas ainda no século XVIII. Contudo, vale enfatizar que o bandeirante Amaro Leite Moreira foi o primeiro a adentrar o sertão goiano. Ele chegou, primeiramente, ao rio das Mortes onde descobriu vestígios de ouro. Mais tarde, no local dos seus achados fundou-se um arraial que levou o seu nome. Parafraseando Memórias Goianas, em todo o longo percurso, de Porto Nacional a capital de Goiás, apenas três núcleos de população, Descoberto, Amaro Leite e Pilar, ...[...] não atingindo nenhuma delas quatrocentos habitantes.

2. Amaro Leite: um surgimento citadino no Sertão intransponível de Goiás

O território goiano em que se assentou o núcleo de Amaro Leite foi palmilhado, como já disse, por Amaro Leite Moreira, chefe de uma bandeira que vinha à procura de ouro e outras riquezas. Este “ao passar por um rio se deparou com grande quantidade de ouro, iniciando a exploração do precioso metal. “Com a notícia dessa descoberta, imediatamente veio para a região grande quantidade de garimpeiros, que abriram grandes valetas, as quais, até hoje são vistas. Mais tarde o rio recebeu o nome de rio do Ouro” (Ferreira, 1951, p. 23). Ocorre que a atividade da mineração de ouro num abundante território de terras “virgens”, os aventureiros chegavam percorriam e vasculhavam o território fixando-se somente nos lugares de possibilidades garimpeira, os quais se tornavam permanentes pela extensão e abundância do minério. Ressalta-se o caráter contínuo do fluxo povoador em busca das riquezas no território. Eles chegavam e abriam o conhecimento de novas áreas alargando o horizonte geográfico, definindo o percurso e gerando zonas contínuas com novos núcleos de povoamento. Foi, portanto, com a descoberta do ouro às margens do “rio do Ouro” que se fez fundar o arraial de Santo Antônio do Amaro Leite. A composição social de Amaro Leite se formou heterogeneamente com os garimpeiros advindos de diversas partes do país.

O Sertão de Amaro Leite foi administrativamente ligado a Traíras e, posteriormente, anexado ao município de Pilar que segundo Paulo Bertran (1998, p. 137), “este julgado [Traíras] se estendia outrora pelo sertão de Amaro Leite” ao qual foi depois reunido ao distrito de Vila Nova do Pilar, em virtude da Lei Provincial nº. 14, de 23 de julho de 1835 que criou o distrito de Amaro Leite” (Castelnu, 2000, p. 286- 287). De fato, no século XVIII Amaro Leite foi parte do Julgado de Traíras que “em 1835 foi incorporado, como um distrito ao município de Pilar inserido na Comarca de Vila Boa” (Memórias Goianas 3, 1996, p. 114).

O núcleo se fixou a beira do rio do Ouro com as suas primeiras casas construídas em 1742, quinze anos após a fundação de Vila Boa, antiga capital do Estado. “As primeiras casas da localidade foram construídas em 1742, 15 anos após a fundação de Vila Boa, antiga capital do Estado” segundo Ferreira, (1951, p. 23). Destarte é um dos mais antigos núcleos citadinos de Goiás, pode se dizer contemporâneo a Vila Boa.



Figura 1. Carta Topographica & Administrativa de Goyaz. Rio de Janeiro: Vcde. J. de Villiers de Lile Adam, 1849.

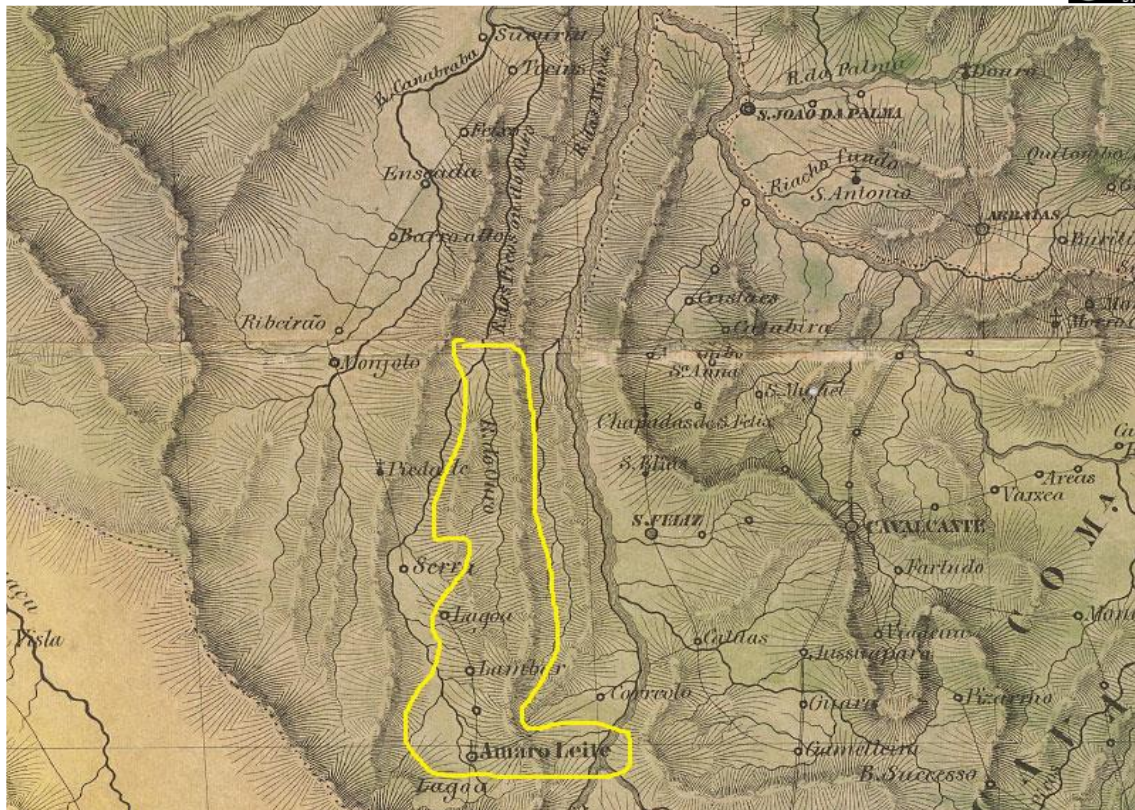


Figura 2. Em destaque, a região do município de Amaro Leite [GO] e o rio do Ouro. Carta Topographica & Administrativa de Goyaz. Rio de Janeiro: Visconde J. de Villiers de Lile Adam, 1849.

Este sítio despertou a atenção de Cunha Mattos que assim o descreveu, “[...] tem 36 casas de telhas e quatro de capim. A igreja de Santo Antônio com 3 altares; é pobre. Ha aqui uma companhia de infantaria de pardos, e outra de ordenanças. [...] e o seu districto é muito bom para criar gado de todas as qualidades. [...]” (Cunha Matos, 1874, p. 341). Já Castelnau relatou sobre seus habitantes. “Habitam-no ainda uns cem moradores, todos atacados de bócio e distribuídos pelo que ainda resta das trinta casas a princípio existentes... [...] é mais do que provável que este miserável povoado [Amaro Leite] desaparecerá dentro de pouco tempo sob as flechas dos Canoeiros ou o tacape dos Xavantes” (Castelnau, 2000, p. 235-236). Este núcleo citadino, parafraseando Bresciani, aparece como o lugar de emissão de sinais que pedem a formação de uma nova sensibilidade para serem desvendados e Michel de Certeau, (1994) quando diz que os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera...”.

O militar Cunha Matos (1874) descreveu esta localidade ressaltando a abundância da natureza, que fornecia grande quantidade de alimentos, porcos enormes, lavouras rentáveis, *gado vacum* e cavalos abundantes, tudo quase sem a participação do homem, visto como um parasita da natureza. Ele destacou, também, a produção de louças em Amaro Leite, “toscas de barro de excelente qualidade” o barro (natureza) é bom, as louças (produção humana) sem qualidade. Couto Magalhães (1863), por sua vez destacou as técnicas agrícolas rudimentares e a cobrança dos dízimos que tinham seus cálculos feitos de forma arbitrária. “O cálculo era elaborado conforme a área cultivada... O dízimo era arrecadado de três em três anos. A Real Fazenda não admitia seu pagamento em espécie, alegando não possuir meios de vender os produtos arrecadados”. Parafraseando Couto de Magalhães (1863), aos dizimados restavam ter seus bens confiscados por não conseguirem sanar suas dívidas e limitar a produção ao consumo familiar.

Amaro Leite foi elevada à categoria de Distrito pela Lei nº 14 de 23.07.1835. Ao se criar o distrito de Amaro Leite no município de Pilar, também foi criada a Freguesia Colada de Santo Antônio de Amaro Leite, pela Resolução n. 8.

O sentimento religioso nestes surgimentos citadinos setecentistas formava a base da vida social e das representações coletivas. No núcleo citadino foi erguida uma igreja dedicada a Santo Antônio que ganhou visibilidade nas ações do governo provincial conforme se pode constatar no Relatório de 1855, quando registra

que “a capella mór da matriz de Amaro Leite ameaça total ruína, e a posição especial d’aquella freguesia no centro dos sertões é razão suficiente para que a Assembleia Legislativa Provincial não se recuse a consignar no futuro orçamento uma quota para os reparos indispensáveis d’esse templo” (Memórias Goianas 6, 1997, p.226) Cunha Mattos também a descreveu, “[...] A igreja de Santo Antônio com 3 altares; é pobre...”.

Ao se desanexar da Freguesia de São José do Tocantins, a Capela Curada de Santo Antônio de Amaro Leite foi elevada a Freguesia Colada de mesma invocação. Trata-se de uma divisão, tanto civil quanto eclesiástica, que cuidava dos registros de batismos, óbitos e casamentos e tinha um Juiz de Paz e um Juiz de Órfãos e Ausentes com função judiciária. Esta resolução no seu artigo 2º traça seus limites. “Esta freguesia terá por limites ao Nascente o Rio Maranhão; ao poente o Araguaia; ao Norte o Rio de São José Grande até a sua barra no Maranhão; ao Sul o Passatrez desde a sua barra no Maranhão até a sua última origem, e desta a mais próxima vertente para o Rio dos Bois, continuando este até o Crixaguassú, e por este até o Araguaia”. (Documentação AHE-GO, ano 1834-1835). Em 1838 foram empreitados alguns concertos de estradas que lhe dava acesso e a construção de algumas pontes, o reparo de outras, construção de pinguelas como as da estrada de Pilar para Amaro Leite. A recém-criada Freguesia Colada de Santo Antônio de Amaro Leite ocupava toda a região entre os rios Araguaia e Maranhão, área circunscrita que formou o futuro município de Santana, atual município de Uruaçu [GO].

Esta primeira Igreja edificada no sítio Amaro Leite foi derrubada para dar passagem a abertura da rodovia federal BR 14, mas como ocorreu um desvio dessa estrada, os cidadãos amaroleitenses construíram uma nova capela que “por certo já cansada de esperar, resolve construir a sua nova igreja no mesmo local da edificação da primeira igreja feita pela população do setecentista no Arraial de Amaro Leite” (Memórias Goianas 11, 1999, p. 109). A diferença importante que se deve apreender entre a primeira e esta última é de que a primeira tinha a frente voltada para a mata da direita e a segunda foi construída com sua porta voltada para a esquerda de frente a estrada que ali passou. Registramos com fotografias (Figura 3) por ocasião das visitas de campo com a equipe LHEMA/UEG em duas ou três vezes em anos subsequentes. Vale dizer que a mesma ainda se encontra, ainda hoje, no sítio arqueológico.

A região de Amaro Leite figurou como município de Pilar de Goiás até 1911. Após cem anos, com a criação do município de Santana, hoje município de Uruaçu, passou a pertencer ao mesmo. O município de Santana detinha um imenso território, que alcançava o braço direito do Araguaia, na margem oposta ao extremo sul da ilha do Bananal, o rio Tocantins e o ribeirão Capivara, afluente do Santa Teresa. Em sua constituição era uma área em torno de 26.140 km² como constam em escritura pública. As suas divisas se estendiam do rio Crixás ao rio Cana Brava, mu-



Figura 3. Capela em Amaro Leite [GO]. Fonte: Acervo da autora. Foto tirada em 2016 pela equipe do LHEMA/UEG.

nicipípio de Peixe e do Araguaia ao Tocantins, tendo dois Distritos, Porangatu e Amaro Leite, e os povoados de Campinas, Matão, Formoso e Rodovalho. As suas divisas se estendiam do rio Crixás ao rio Cana Brava, município de Peixe e do Araguaia ao Tocantins.

Amaro Leite emancipou-se tornando-se Município pela Lei Estadual de nº. 760 de 26.08.1953. Instalou o município em 1º de janeiro de 1954. Seu território encontra-se encravado entre as duas principais bacias hidrográficas de Goiás, rio Araguaia a oeste e o rio Tocantins a leste. A leste separando do município de Uruaçu, do qual fora desmembrado, encontra-se a Serra Dourada cuja altitude máxima não ultrapassa 600metros. A noroeste, a Serra de Javaés nas divisas com o município de Porangatu, também desmembrado do município de Uruaçu, com a mesma altitude. Destarte o município de Amaro Leite não apresenta altitude considerável. Dentre os rios que servem às duas grandes bacias vale mencionar o rio Santa Teresa que serve de limite oeste entre Amaro Leite e Porangatu lançando suas águas pela margem esquerda do rio Tocantins.

O rio Novilho limita ao norte com o município de Porangatu e rio dos Bois que separa Amaro Leite de Crixás. Os rios Novilho e dos Bois se juntam formando o rio Crixás-Açu, poderoso afluente a margem direita do Araguaia. A área do Município perfaz 7.700 km². Ela está situada a 420 metros de altura segundo Jurandir Ferreira (1951, p.24). Dentre as riquezas ambientais do município se destaca em primeiro lugar o Ouro, motivo histórico da sua formação. De origem vegetal tem-se madeiras das quais se pode mencionar o cedro, o bálsamo, a peroba, aroeira, o babaçu e o açafraão *in natura* considerado a “erva daninha” do período do surgimento e o “ouro” do século XXI.

Entre os anos de 1858 a 1872, a região apresentou uma população aumentada, O Recenseamento Geral do Império de 1872 estimou a população da Paróquia de Santo Antônio do Amaro Leite, em “1268 habitantes, distribuída em 227 fogos, dos quais 234 brancos, 613 pardos e 421 pretos, existindo 17 escravos entre pardos e pretos (9 homens e 8 mulheres)”. Destes habitantes, “231 eram provenientes de Minas Gerais, apenas 2 mulheres da Bahia (pardas, casadas), os demais advindos de Rio de Janeiro (3), São Paulo (16), Paraná (7) e Mato Grosso (55). “Sabiam ler e escrever” 211 homens e 93 mulheres. Da população de 6 a 15 anos existiam 31 meninos e 12 meninas, que frequentavam escolas”.

Historicamente, o aumento da sua população pode ter estimulado sua conformação urbana, as estradas contribuíram da mesma forma. Crê-se que esse crescimento populacional se deu em virtude da implantação dos presídios as margens do rio Araguaia que promoveram o controle dos povos indígenas, incentivou a migração para suas imediações, bem como a orientação para uma atividade econômica baseada na agricultura de subsistência e na pecuária³. Os presídios militares foram implantados as margens do rio Araguaia a partir do decreto nº 750 de 02/01/1851. Faz-se mister ficarmos atentos à definição de presídio no século XIX, pois este termo era utilizado segundo Carvalho (2010), “como conquista de território e expansão de fronteira, parte do processo de povoamento, defesa e especialização agrícola construído oficialmente e sob o controle do governo”. Para Rocha (1998, p. 71), os presídios era “um misto de colônia agrícola e estabelecimento penal”. Com a finalidade de proteger e defender a população do norte das agressões dos selvagens que habitavam as margens destes dois rios e de seus tributários fundou cinco presídios militares, três na linha do Tocantins e dois na do rio Araguaia.

“Se não posso crer na utilidade de um outro, pela posição em que se achão collocados, absolutamente falando, a criação desses núcleos coloniais não pode deixar de ser considerada de grandes vantagens. Vários pontos da província foram ameaçados frequentemente pelos índios sem que dos presídios existentes pudesse partir socorros e providências a tempo. Seus habitantes são obrigados a lançar mão de meios próprios, e “muitas vezes de natureza violentos, para expellirem os ataques dos índios, resultando da violência desses meios o crescer cada vez mais o seu ódio contra nós, está visto que os recursos de defesa devem ser aumentados...” (Trecho do Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de Goyaz na sessão ordinária de 1861 pelo presidente José Martins Pereira de Alencastre).

Pertencia ao presídio militar, de acordo com o artigo 25 do decreto nº 750, uma cadeia pública, uma capela, um estaleiro e residências para religiosos, comandantes e moradores. Em verdade, a construção destes presídios garantiria a defesa do território e promoveria a comercialização dos produtos trazidos pelos comerciantes, o que consequentemente, beneficiaria a coroa portuguesa. Mas, tinham, ainda, outras finalidades como atrair um número elevado de colonos para as margens do rio Araguaia. De acordo com o Relatório do Presidente da Província de Goiás de 1852, “a função primordial do presídio era o de atrair povoações para esses vastos terrenos e proteger a navegação fluvial entre esta e a Província do Pará pelo Araguaia” (Memórias Goianas 5: 1996, p.184). A localização dos presídios e fortes se concentravam em lugares estratégicos nas passagens da rede fluvial, onde serviriam como pontos de comunicação.

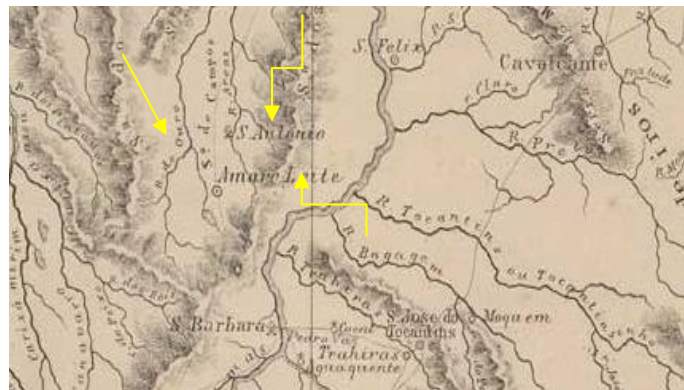


Figura 4. Fonte: Biblioteca Nacional Digital (modificações realizadas pela autora). Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2017. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart176010/cart176010.jpg

³ Sobre a implantação e a construção dos presídios militares as margens do rio Araguaia e, consequentemente, o surgimento das cidades ribeirinhas ver (Gandara & Pereira): Às margens do Rio Araguaia... o Presídio Militar de Santa Leopoldina (Província de Goyaz, 1850-1959) <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8648589>

Na segunda metade do século XIX, intensificou-se a construção dos fortes e presídios as margens da linha do rio Araguaia. Nesse momento, a política de implantação dos presídios tinha como intuito a necessidade de fortalecer a navegação a vapor. Na Província de Goiás foram construídos vinte e um (21) presídios as margens dos seus dois principais rios, Araguaia e Tocantins⁴. O Presídio de Santo Antônio, fundado em 25 de novembro de 1854, localizava-se ao sul da passagem do Rio do Ouro, próximo ao povoado de Amaro Leite. Em 1883 transferiu-se a sede do presídio militar do Sertão de Amaro Leite para a foz do Rio Bagagem, no Maranhão.

Conforme recenseamento de 1950, Amaro Leite possuía uma população de 5304 habitantes, correspondendo a uma média de 0,7 habitantes por quilômetro quadrado. Já a população da zona urbana e suburbana era de 414 habitantes, sendo 212 homens e 202 mulheres. (Ferreira, 1951, p. 23). “Em 1950, o então distrito de Amaro Leite contava com uma população de 348 habitantes, de cinco anos a mais, sendo que 75 homens e 48 mulheres sabiam ler e escrever”. Possuía cinco estabelecimentos escolares de ensino primário fundamental comum no município, dos quais um na sede do município. (Ferreira: 1951, p.26). Havia dez estabelecimentos comerciais no município sendo nove varejistas e uma Atacadista. Economicamente salienta-se a produção de arroz e do milho únicos produtos que exportavam. Das pequenas indústrias sobressaíam a extração do ouro com 85% do total e a indústria de vestuário e calçados com 15%. Importavam em larga escala tecido, ferragens, produtos farmacêuticos, bebidas em geral e outros produtos de que o comércio local não dispunha. O comércio, geralmente, era feito com as praças de Uruaçu, Anápolis e Goiânia. Todo o Município possuía conforme a Enciclopédia dos Municípios (1951) um campo de pouso para aviões pequenos. Não possuía nenhum serviço de assistência médico-sanitária. Seus habitantes se valiam dos recursos encontrados em Uruaçu, Ceres, Anápolis e/ou Goiânia. Não era servida de luz elétrica e nem era pavimentada. Possuía três pensões e uma farmácia. Contava com um médico e um farmacêutico e um dentista que exerciam suas atividades profissionais no município. Sendo Termo da Comarca de Uruaçu contava com um Juiz Municipal, um Subpromotor de Justiça, Cartório de Primeiro e de Segundo Ofícios, Cartório de Registro Civil e de Órfãos e Sucessões.

3. Amaro Leite [GO]: Memória e Patrimônio

Levantei o sítio histórico citadino de Amaro Leite me utilizando da memória dos remanescentes amaroleitenses residentes na atual cidade de Mara Rosa. Como a expressão de relato oral é criativa, imaginativa e condicionada ao grupo social em que o sujeito vive preferimos colher os depoimentos de forma livre com aqueles que já estão hoje muito idosos. Seus depoimentos nos serviram de ricas fontes. Das entrevistas e depoimentos colhidos constatamos que houve preocupação com a arruamento em Amaro Leite setecentista. Todas as casas restaram alinhadas em frente da larga praça na qual se acha a única igreja da localidade. Partindo dessas leituras pude, por meio das imagens geradas e por meio da projeção da memória de um dos nossos entrevistados, o Sr. Oton Alves Aguiar, antigo morador da cidade de Amaro Leite pude reconstituir e elaborar a planta baixa da cidade legível e identificável (Figura 5).

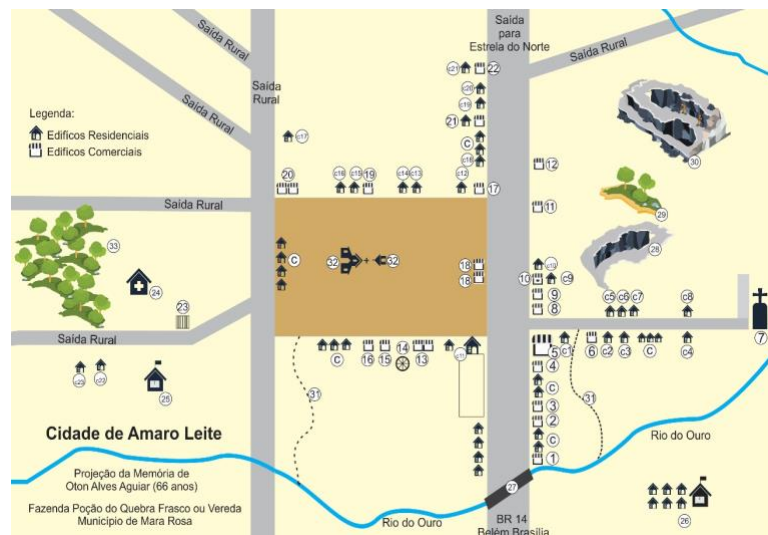


Figura 5. Croqui Sítio histórico de Amaro Leite [GO]. Projeção da Memória de Oton Alves (66 anos). Levantamento Equipe LHEMA/UEG coordenado pela Autora.

⁴ Durante a segunda metade do século XIX foram construídos sete presídios na linha e margens do rio Araguaia, o de Santa Isabel, Leopoldina, Januária, Santa Maria, Monte Alegre, Jurupensen e por fim São José dos Martírios. Além dessas fortificações militares, foram implantados na linha desse rio o presídio de Santa Isabel (1850) Presídio de São Januário, transferido em 1857 para a margem do rio das Mortes e logo depois extinto-, o Presídio São José do Araguaia (1862), o Presídio São José dos Martírios (1866), que foi logo depois desativado e, em 1872, foi restabelecido para auxiliar na catequese e na navegação, e o Presídio de Jurupensem (1864), antigo Presídio de Santa Cruz, transferido da margem do rio Tocantins para a margem direita do Araguaia.

Por esta planta baixa (Figura 5), projeção da memória do Sr. Otton, pude perceber pela e traçar as formas dos arruamentos, o largo da capela e as construções que juntos oferece um espetáculo de clareza, de ordem, de retilinearidade e de elegância espacial. Numa palavra, o sítio concebido como ferramenta para a realização da mineração, trouxe poder, riqueza, beleza e esplendor arquitetônico, mesmo dentro de uma simplicidade. Estou convencida Amaro Leite é resultado histórico particular, sua paisagem cultural e sua própria natureza constitui um espaço com ritmos e tempos próprios. Ela foi constituída socialmente heterogênea e materialmente por esqueletos de pedras, tijolos, adobes... As técnicas construtivas (Figuras 6 e 7) empregadas na arquitetura obedeceram a padrões constantes utilizadas na arquitetura goiana durante o período colonial. Tudo baseado naquelas técnicas construtivas da estereotomia, ou seja, a arte de dividir e cortar com rigor materiais de construção, as quais podem ser percebidas nos exemplares e nas ruínas ainda hoje existentes. Essa técnica é baseada na terra crua dos adobes e nas coberturas com folhas de piaçaba e babaçu. Inicialmente eram de adobe e piso de chão batido.



Figuras 6 e 7. Técnicas construtivas empregadas na arquitetura rural de Amaro Leite [GO]. Fotos: Equipe LHEMA/UEG.

Ali foi tradicional o uso do fogão a lenha. Posteriormente foi introduzido um tal ladrilho (Figura 8) que mais parece tijolinhos cozidos de forma quadrada. Pude registrá-lo, por meio de fotografias nesta casa que ainda se encontra na localidade do sítio resistindo ao tempo.



Figura 8. Ladrilho. Foto LHEMA/UEG.

4. Considerações Finais

Conclui-se que as construções são mesmo, historicamente, capazes de explicar e mobilizar as atitudes dos indivíduos e dar sentido às suas ações. Como cultura material entendo que estes exemplares podem ter uma significação social além de ser testemunhos de um sistema de relações. Como já disse anteriormente e aqui quero repetir que para mim a cultura material só se exprime nos e pelos objetos. Contudo, é claro, que o termo objeto seja estendido de maneira bastante ampla, para englobar as construções.

A organização deste núcleo citadino, os detalhes da sua forma, a linguagem da memória de seus habitantes, o sentimento de ligação ao lugar se exprime com tanta força sobre esta localidade que renasceu aqui da microanálise dos vestígios e dos testemunhos colhidos.

5. Referências

- Alencastre, J. M. P. de (1978). *Anais da Província de Goiás, 1863*. Brasília [DF]: Editora Gráfica Ipiranga Ltda.
- Bertran, P. (Org.) (1996). *Notícia geral da Capitania de Goiás em 1783*. Brasília [DF]: Solo Editores.
- Bertran, P. (1998). *História de Niquelândia: do Distrito de Tocantins ao Lago de Serra da Mesa*. Brasília [DF]: Verano Editora.
- Borges, A. M., & Palacín, L. (1994). *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia [GO]: Ed.UFG.
- Castelnau, F. de La P. (2000). *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte [MG]/Rio de Janeiro [RJ]: Editora Itatiaia.
- Magalhães, C. de (1863). *Viagem ao Araguaya*. Goyaz: Typographia Provincial.

Magalhães, C. de (1938). *Viagem ao Araguaya*. 4a. ed. São Paulo [SP]/Rio de Janeiro [RJ]/Recife [PE]/Porto Alegre [RS]: Companhia Editora Nacional. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-ao-araguaia/preambulo/9/texto>.

Cunha Mattos, R. J. da (1979). *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*. Goiânia [GO]: Secretaria de Planejamento.

Cunha Mattos, R. J. da (1874). Chorographia Histórica da Província de Goyaz. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Etnographico do Brasil*. Tomo XXXVII, Parte Primeira, 1874. pp.210-398. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=19>

Ferreira, J. P. (1958). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro [RJ]: Conselho Nacional de Geografia e Nacional de Estatística.

Gandara, G. S. (2004). *Urnaçu: uma cidade-beira. Uma cidade-fronteira (1910-1960)*. Goiânia [GO]: UFG.

Memórias Goianas 3; 5; 6; 11 (1986; 1996; 1997; 1999). *Relatórios políticos, administrativos, econômicos, sociais, etc. dos governos da província de Goiás*. Goiânia [GO]: UCG.

Michelot, J.-L. (1989). Espaces Naturels et Influence urbaine dans le lit majeur du Rhône à proximité de Lyon. In *La Ville et Le Fleuve* (pp. 49-60). Colloques du CTHS: 3.

Moreira, R. (1998). A arte de ruação e a cidade luso-brasileira, sec. XVI-XVIII. *V Seminário da Cidade e do Urbanismo*. São Paulo: PUC-Campinas, out., 1998, p.4

Palacín, L., & Moraes, M. A. S. (1989 e 1994). *História de Goiás (1722-1972)*. 5a. ed. Goiânia [GO]: Ed. UCG.

Palacín, L. (1994). *O Século do Ouro em Goiás*. Goiânia [GO]: Ed. UFG.